



A CONTEMPLAÇÃO DO *MUNDUS* NO *DE NATURA DEORUM*, L.2 DE CÍCERO

THE *CONTEMPLATIO MUNDI* IN *DE NATURA DEORUM*, CICERO'S BOOK II

Glauce de Souza Luz¹

RESUMO

O presente artigo trata-se de uma abordagem exploratória sobre o pensamento estoico da contemplação do mundo, presente no livro II do debate filosófico do *De natura deorum*, de Marco Túlio Cícero. Busca-se salientar a contemplação do mundo como via necessária à condução da vida do ser humano de maneira virtuosa. Nas experiências da vida, seja pela filosofia ou pela astronomia, muitos povos estabeleceram a conexão com o cosmos e os deuses para encontrar o sentido de suas existências. Os romanos, no século I A.E.C., procuraram com afincamento essas respostas pela *contemplatio mundi*, ou seja, pela utilização dos sentidos da visão e da audição com vistas a encontrar o sentido existencial na harmonia do cosmos, na sua regularidade e ordem. Do mesmo jeito como o cosmos era organizado, belo e feliz, também o ser humano poderia ser na sua jornada terrena. Havia, desse jeito, um efeito reflexo, pois o homem fora criado pelos deuses à sua imagem e semelhança. Desse modo, busca-se nesse artigo explorar a contemplação do mundo como caminho da jornada de produção de sentidos na vida romana no referido século no debate filosófico do livro 2 do *De natura deorum*, no discurso de Lucílio Balbo, o estoico. Exploraremos o gênero literário e o uso da filosofia e do fomento de sua produção nesse período, levantando-se o porquê dessa grande produção e, por fim, ressaltaremos a importância da conjugação das virtudes por meio da contemplação do mundo.

Palavras-chave: *contemplatio mundi*; filosofia estoica; virtudes romanas.

ABSTRACT

This article is an exploratory approach to the Stoic thought of contemplation of the world, present in book II of the philosophical debate in *De natura deorum*, by Marcus Tullius Cicero. The aim is to emphasize the contemplation of the world as a necessary way to lead human life in a virtuous manner. In life's experiences, whether through philosophy or astronomy, many peoples have established a connection with the cosmos and the gods to find the meaning of their existence. The Romans, in the 1st century BC, diligently sought these answers through *contemplatio mundi*, that is, through the senses of vision and hearing with a view to finding existential meaning in the harmony of the cosmos, in its regularity and its order. In the same way that the cosmos was organized, beautiful and happy, human beings could also be so on their earthly journey. There was, in this way, a reflexive effect, as man was created by the gods in their image and likeness. Thus, this article seeks to explore the contemplation of the world as a path for the journey of meaning production in Roman life in that century in the philosophical debate of book 2 of *De natura deorum*, in the speech of Lucilius Balbus, the Stoic. We will explore the literary genre and the use of philosophy and the promotion of its production in this period, highlighting the reason for this great production and, finally, we will highlight the importance of combining virtues through the contemplation of the world.

Keywords: *contemplatio mundi*; Stoic philosophy; Roman virtues.

¹ Artigo desenvolvido para a disciplina de Religião, Conhecimento e Cosmologia ministrada pela Prof.^a Cláudia Beltrão da Rosa e sob a orientação dessa. Vínculo com a Capes-Proex e desenvolvido no doutoramento pelo PPGH-UNIRIO. Contato: glauceluz@edu.unirio.br



INTRODUÇÃO

Elaborar um tratado científico hoje, em gênero de prosa, é algo comum dentre os cientistas da atualidade. Talvez, a comunidade acadêmica tenha se atido à sistematização dos métodos científico-matemáticos e das comunicações de suas descobertas somente pelos tratados e pela publicação de artigos, por ser essa forma a mais segura e aceita pelo rigor do próprio campo epistemológico.

Na contramão do pensamento científico e sistematizado da academia nos dias atuais, o mundo antigo era versado na produção literária e científica de maneiras diversificadas. Não havia uma preocupação em sistematizar uma forma de comunicação e de circulação de descobertas científicas. A produção científica era publicada em diversos instrumentos de comunicação, como em cartas, poesias, tratados, palestras e comentários, debates filosóficos e textos-problemas. No presente artigo, estudaremos uma dessas formas de comunicação científica, um debate filosófico-teológico que nos auxiliará a compreender que a ciência antiga admitiu maneiras distintas de se apropriar do conhecimento e disseminá-lo (TAUB, 2008, p.1-2).

O *De natura deorum* de Marco Túlio Cícero é um diálogo filosófico, isto é, o autor não escreve a prosa em primeira pessoa, mas sim, compõe seu diálogo a partir das falas de três personagens, cada um de uma corrente filosófica da época, e em seguida, traça suas enunciações sobre o tema do diálogo, a saber, a natureza dos deuses.

Esse gênero literário da antiguidade era compreendido como prosa. A prosa, logo, como outras modalidades de texto, não possuía uma sistematização categórica. Da mesma maneira, isso se percebia em outros gêneros literários. Os cientistas e filósofos utilizavam-se dos mais diversos meios de produção literária, desde que fossem os mais didáticos e compreensíveis para seu público. Dependendo de sua audiência, poderiam se utilizar desses múltiplos suportes de comunicação científica com o objetivo de atingir diferentes tipos de público (TAUB, 2008, p. 1-30).

Quanto ao gênero do diálogo científico-literário, no qual o debate filosófico se insere, trata-se de um texto em prosa sob forma de diálogos escritos. Sabemos que a cultura oral era muito forte na Grécia e Roma antigas, no entanto, a opção de muitos autores pela escrita deu-se pela possibilidade de ampla circulação dos textos produzidos, como também, pela prática de acumular livros e montar bibliotecas. Apesar de a Roma tardo-republicana não ter bibliotecas públicas, durante todo o século I A.E.C. eram evidentes as práticas de montagem de bibliotecas privadas entre os membros da elite romana, nas suas moradias. Em especial, era comum o empréstimo de livros e textos entre eles. Dessa forma, muitos tratados foram escritos pela mesma elite e, atualmente pela investigação histórica, identificamos neles uma grande intertextualidade na qual os autores conversavam entre si



sobre assuntos convergentes aos seus interesses (TAUB, 2008, p. 21; MACRAE, 2016, p. 74-75; VOLK, 2021, p. 43).

Os debates filosóficos eram escritos por grupos específicos em Roma, nobres e homens novos². São esses mesmos grupos que recebiam uma educação literária e retórica em latim e grego, estudavam em centros de aprendizagem na Grécia e davam moradia a intelectuais gregos em seus lares. E, em muitas vezes, os debates produzidos por esse intercâmbio eram filosófico-teológicos. A elite romana que lia, comentava, estudava e praticava o culto religioso era o público-alvo desses mesmos debates filosóficos-teológicos numa retroalimentação contínua, e, sua grande produtora (MACRAE, 2016, p. 60; VOLK, 2021, p. 23-24). Além disso, essa mesma elite republicana também governava a República Romana.

Essa elite não se compunha de clero. Não falamos em um clero, até porque há papéis oscilantes entre os celebrantes dos ritos e aqueles que escrevem a teologia, podendo ser sacerdotes ou não. O que sabemos, por certo, é que muitos desses debates filosóficos-teológicos foram produzidos em meio às disputas políticas encabeçadas pelos autores que estavam, inclusive, no exercício de cargos religiosos no âmbito da República (MACRAE, 2016, p.57-59).

Ademais, os autores da elite civil publicavam suas obras e dedicavam-nas uns aos outros. Tais dedicatórias de livros sobre religião romana não desejavam retirar dos colégios sacerdotais a sua dose de autoridade, entretanto, refletiam uma dinâmica social na relação de amizade e reciprocidade que acabava construindo uma relação horizontal: a de paridade (MACRAE, 2016, p. 61; VOLK, 2021, p. 45).

Duncan MacRae (2016, p. 68-74) afirma que a elite romana, independentemente de sua especificidade, tinha conhecimento dos livros religiosos pela celebração dos *sacra* (rituais), e no preenchimento dos cargos religiosos por alguns de seus membros. Todo esse conhecimento da função religiosa importava prestígio e poder. Consoante a isso, produzir livros que tratavam do assunto de natureza teológica, o que indicava circulação na cidade, gerava uma relativa autoridade. Devemos, porém, ressaltar que os intelectuais romanos da elite não eram filósofos profissionais, poetas profissionais, entre outras carreiras.

Katharina Volk (2021, p. 34-39) constatou que a filosofia dos profissionais eruditos não era útil na moral e na vida romanas. Então, conseqüentemente, os romanos não apreciavam tal reconhecimento de um possível profissionalismo. Eles se consideravam como filósofos

² Segundo Géza Alföldy, os homens novos (*Homines novi*, em latim) eram os cidadãos romanos de origem plebeia, primeiros de sua linhagem familiar - geralmente tornados ricos na Roma antiga - que ao passar do tempo, receberam o direito de ocupar os cargos de alta magistratura romana no Fórum, a e.g., os cargos de Senador Romano e de Cônsul (ALFÖLDY, 1989, p. 69).



amadores, realizadores de *studia litterarum*; isto é, de estudos literários em conjunto, entre pares, no ócio ou nos negócios. Em muitas ocasiões, os seus estudos eram realizados mediante correspondências enviadas de um para o outro, ou ainda, conduzidas por conversas informais. Até mesmo a revisão dos livros publicados era realizada entrepartes, em relações de amizade intelectual, senão de verdadeira amizade (VOLK, 2021, p. 48-50).

Cícero, que produziu seus diálogos filosófico-teológicos entre 45 e 44 A.E.C, na retirada do exercício de sua atividade política e no fim de sua vida, pôde usufruir de muitas revisões de amigos intelectuais e de longa data. Por isso mesmo, Cícero foi muito feliz em estabelecer novas possibilidades de escrita, uma vez que ele não estava preocupado em tornar-se um célebre autor, poeta ou filósofo, mas em incorporar em seus textos uma presença constante na formação do conhecimento para servir à própria república, sobretudo, com suas obras em latim (STEEL, 2005, p. 48; WOOLF, 2015, p.3).

Destarte, há no *De natura deorum*, essa característica de debate filosófico-teológico que não busca alcançar verdades perfeitas, mas almeja aproximar-se daquilo que é o mais verossímil; isto é, o mais acurado dentre o que defendiam todas as posições filosóficas e correntes de pensamento da época. O autor também não poupou críticas às proposições filosóficas do epicurismo e do estoicismo através de suas personagens. A Cícero coube expô-las para atestar suas credibilidades e alcançar o *probabile*³ sobre a natureza dos deuses e a organização do cosmos (WOOLF, 2015, p. 36-37; SCHOFIELD, 2013, p. 84).

No *De natura deorum* há três personagens ativos no diálogo: Lucilio Balbo é o estoico, C. Aurelio Cotta é o neoacadêmico, e Caio Velleio é o epicurista. Nesse debate, três representantes de escolas filosóficas debatem o tema da natureza dos deuses, da ordem do universo, da racionalidade do universo, da criação do homem à imagem divina, o sentido da vida e a sua conexão com a divindade, a racionalidade humana e a importância dos sentidos na contemplação do mundo.

Nesse diálogo, Cícero privilegia a discussão do contraditório para refletir e argumentar livremente sobre questões vitais de ética e de política que levam à defesa da conduta ética do cidadão, com fins de manutenção da República Romana. A prática dialógica da filosofia, em sua obra, é um modelo para as discussões políticas a serem realizadas no ambiente da magistratura: o espaço cívico do fórum. Cícero se ocupa de debater filosofia, não somente no espaço privado e no momento de ócio, mas com a sua produção literária debutando o lugar da filosofia em espaço público (AUVRAY-ASSAYAS, 2018, p. 20-22).

³ *Probabile* é um conceito cunhado por Marco Túlio Cícero que significa o mais verossímil, o alcançável dentro da veracidade de uma proposição filosófica. A autora Clara Auvray-Assayas (2018, p. 59-61) afirma que o conceito circunscreve a ideia de limite no qual o homem pode alcançar de conhecimento dentro de suas capacidades cognitivas.



Há, entretanto, uma quarta personagem expectadora, a de Marco. Essa não interfere no discurso dos personagens, ouve acuradamente e toma suas próprias conclusões. Contudo, ressaltamos que a personagem Marco e o autor Marco Túlio Cícero, apesar de serem o mesmo indivíduo, não compartilham da mesma opinião. O autor deixa suas conclusões em aberto para que o público possa assumir suas próprias posições. Já a personagem Marco, ao final do terceiro livro, assume um posicionamento parcial a favor do pensamento estoico de Balbo.

Nesse artigo não nos ocuparemos das duas outras visões filosóficas do diálogo, e estabelecemos como recorte a visão estoica do livro 2 do *De natura deorum*, em que Lucilio Balbo – o estoico – expõe a sua visão do universo e de seus fenômenos, e o quão eram importantes os aspectos de suas manifestações na vida romana. Balbo defendia que era por meio da contemplação do mundo, que esses fenômenos seriam mais bem compreendidos, estudados e cientificamente encaminhados para a apreensão da noção de felicidade e harmonia na vivência humana.

Devemos ressaltar que Cícero, em muitos de seus debates filosóficos, preocupou-se em salientar a necessidade de reflexão do homem sobre o seu papel na ação para com os deuses, a sua relevância nas práticas, nas crenças e na manutenção das instituições da cidade. Ainda que fosse importante conhecer a natureza dos deuses, o autor conhecia os riscos de nunca chegar a uma verdade exata da relação que os homens mantinham com os eles e com o mundo (AUVRAY-ASSAYAS, 2018, p. 51). Da mesma maneira, não pretendemos aqui elaborar uma visão oclusa do pensamento estoico sobre a contemplação do mundo, mas exploratória, visto que temos em vista a complexidade filosófica do assunto.

No pensamento estoico do mundo, Lucilio Balbo estabelece que, para o homem compreender seu sentido de vida e buscar o entendimento dos fenômenos naturais, ele necessita, sobretudo, utilizar-se de seus cinco sentidos e observar diretamente os dados que esses lhe apresentam. A atitude de observar o céu interliga o homem ao divino e constitui uma conexão que transpõe a fronteira do mundo material. Ao absorver esse conhecimento, o ser humano toma ciência de seu lugar no mundo e da sua importância na manutenção da ordem enquanto tal. Opera-se, dessarte, uma relação entre o microcosmo e o macrocosmo em que o homem possuiria a possibilidade de liberdade de ação em direção à sua cidade e aos deuses, aproximando-se cada vez mais do divino ou *numen*; a saber, o poder dos deuses (AUVRAY-ASSAYAS, 2018, p. 84).

De acordo com Auvray-Assayas (2018, p. 87), a contemplação do mundo, é, assim, a etapa que cada romano deveria desempenhar antes do exercício de sua função ou dever para a *res publica* Romana. Ela antecede a atividade de adquirir conhecimento para a



jornada terrena e para a realização da ética pessoal no serviço à *res publica*. A autora salienta que Cícero afirmava que “os homens comuns que se dedicam à conservação da República são os mesmos que voltam seu olhar para o lugar onde sua alma aspira viver” (AUVRAY-ASSAYAS, 2018, p. 87). E, dessa maneira, continua a autora afirmando que “é somente a partir dessa contemplação que os homens podem ‘suspeitar’ da existência de princípios divinos e hierarquizar os valores da comunidade humana” (AUVRAY-ASSAYAS, 2018, p. 106).

A partir disso, nesse trabalho estabelecemos duas seções: a primeira intitulada – *O que é contemplatio? O que é mundus?* e a segunda seção, denominada – *Contemplação para quê e para quem?* Nessas divisões, dialogaremos sobre o significado da contemplação do mundo no pensamento estoico e, também, o propósito de se admirar o céu. Ao final desse estudo exploratório, esperamos que nosso público-alvo possa tornar-se conhecedor de muitos outros meios de se realizar ciência e divulgá-la; e que, ao contribuirmos para disseminar esses meios variados, como faziam os antigos romanos, esses possam introduzir uma nova perspectiva dentro da produção científica e intelectual.

O QUE É CONTEMPLATIO? O QUE É MUNDUS?

Na ciência astronômica antiga, para se conhecer o céu e os fenômenos celestes, os movimentos regulares e circulares dos planetas e as trajetórias das estrelas usavam-se os cinco sentidos, em especial, a visão e a audição. No pensamento da filosofia estoica, os homens foram criados com esses dois sentidos não somente para terem uma vida feliz e agradável, mas, principalmente, para aproximá-los dos deuses. Feitos à sua imagem e semelhança, os homens sempre buscaram compreender o sentido de sua existência, e o dos fenômenos naturais. A ciência e seu conhecimento filosófico foram os meios pelos quais os seres humanos materializaram esse saber, seja pelos cálculos matemáticos ou mesmo pelas teorias teológicas.

Conhecimento científico e religião não estavam dissociados na vida civil, utilizavam-se ambas as maneiras de se explicar o mundo pelo uso dos cinco sentidos, porém com ênfase, especificamente, na visão e na audição. Era essa a via necessária dos romanos para compreender a existência dos deuses e a criação do mundo, a natureza e seus fenômenos, a manifestação e o governo do mundo e os eventos astronômicos – alinhamento dos planetas, movimentos celestes, constelações e presságios pela passagem de cometas, eclipses e tomada de auspícios como parte da sua manifestação. Essa via, por consequência, está na intersecção do estudo da ciência astronômica, da religião e da filosofia na



antiguidade. O ato de contemplar pelos sentidos é, então, a *contemplatio*.⁴ Logo, o que seria o *mundus*?

O *mundus* é o universo em perfeita harmonia⁵, o que os helenos chamavam de cosmos. Não se limita ao orbe terrestre, seu conceito é expansível ao universo inteiro, infinito e imortal; ou seja, o mundo natural no orbe terrestre é somente uma pequena parte dele. De acordo com o *corpus documental* do *De natura deorum* de Cícero, livro 2.16-18, Balbo, o estoico, expõe que “o universo foi criado pelos deuses, porque é muito superior a qualquer capacidade humana e à razão, e que todos os elementos da natureza: o fogo, água, ar e terra vieram do mesmo sopro divino”⁶⁷. Em *Nat. D.* 2.30 e 2.32, Balbo cria uma definição de que “o universo é deus, como também parte dele, e todo poder do mundo é divino. [...] O *mundus* é um ser animado. Podemos conceber que ele possui inteligência por constatar que o mundo sem dúvida é melhor que qualquer elemento”⁸. E ao homem cabe o ato de contemplar o *mundus*, como afirma Balbo em *Nat. D.* 2.37⁹:

⁴ A *contemplatio* significava admirar os céus pelos cinco sentidos, mas esse termo estava relacionado a um outro chamado de *templus*. Para uma melhor compreensão do termo, vamos relacioná-lo a esse outro. O *templus* é uma área circunscrita que é traçada pelo áugure na previsão de auspícios enviados pelos deuses. Não era somente um espaço sagrado delimitado pelo *lituus* (bastão augural) quando da cerimônia de inauguração, mas era o local onde era estabelecida a conexão com o cosmos e a manifestação dos deuses. Mais tarde, esse termo de origem divinatória passou a ser usado para designar os edifícios religiosos, os templos sobre o espaço consagrado com a estatuária dos deuses. No entanto, devemos ressaltar que no período tardo-republicano, a adivinhação pública era conduzida segundo a *contemplatio mundi*; ou seja, mediante o uso da visão e da audição pela admiração do céu eram tomados os auspícios, consultados os oráculos sibilinos e consultada a astrologia nessa circunscrição celeste que era o *templum*. Nos dias de hoje, compreendemos melhor esse termo *templus*, como abóboda celeste (SCHEID, J. 1998, p. 95-99). Para mais, ver SCHEID, John. *La religion des romains*. Paris, Armand Colin, 1998.

⁵ A ideia de harmonia no cosmos é também inserida no *De natura deorum* por Cícero como simetria. A simetria, equidistância ou harmonia, é uma ideia que tem origem no pensamento filosófico grego platônico. Platão defendia a ideia de que as formas simétricas eram mais harmônicas, portanto, mais belas e aprazíveis. No século VI A.E.C., Pitágoras construiu a ideia de harmonia das esferas celestes, na qual havia uma conformidade de notas musicais produzidas pelos movimentos regulares dos astros, formando, assim, uma música harmônica. Atualmente, a harmonia celeste é compreendida como a busca pelas leis físicas fundamentais que descrevem todos os fenômenos da natureza.

⁶ A tradução do latim para o francês do *De natura deorum* foi realizada pela autora francesa Clara Auvray-Assayas (2022, p.1-248) e a tradução do francês para o português foi de minha autoria. Seguiremos utilizando a tradução da autora francesa durante todo o artigo. Dessa maneira, os textos do original em latim seguir-se-ão em notas de rodapé.

⁷ “*Chrysippus quidem, quamquam est acerrimo ingenio, tamen ea dicit ut ab ipsa natura didicisse, non ut ipse repperisse videatur. “Si enim” inquit “est aliquid in rerum natura quod hominis mens quod ratio quod vis quod potestas humana efficere non possit, est certe id quod illud efficit homine melius; atqui res caelestes omnesque eae quarum est ordo sempiternus ab homine confici non possunt; est igitur id quo illa conficiuntur homine melius. id autem quid potius dixeris quam deum? Etenim si di non sunt, quid esse potest in rerum natura homine melius; in eo enim solo est ratio, qua nihil potest esse praestantius; esse autem hominem qui nihil in omni mundo melius esse quam se putet desipientis adrogantiae est; ergo est aliquid melius. est igitur profecto deus”.*

⁸ “*Videmus autem in partibus mundi (nihil est enim in omni mundo quod non pars universi sit) inesse sensum atque rationem. in ea parte igitur, in qua mundi inest principatus, haec inesse necessest, et acriora quidem atque maiora. quocirca sapientem esse mundum necesse est, naturamque eam quae*



Não há nada, com efeito, exceto o *mundus*, ao qual nada o falta e que é em todas as partes completo e perfeito, alcançado em todos seus elementos e todas as suas partes. Como o disse finamente Crisipo, do mesmo modo que a bainha está para o escudo, a bainha está para a espada, por isso todas as coisas, à exceção do *mundus*, foram criadas em vista de outras coisas: o trigo e suas produções da terra, em vista dos viventes, os animais, em vista dos homens – logo o cavalo, para carregar, o boi, para trabalhar, o cão para caçar e vigiar. O homem, ele, é nascido para contemplar o *mundus* e para imitá-lo; ele não é de modo algum perfeito, mas é uma parcela da perfeição¹⁰.

Portanto, o ato de contemplar o mundo é o de conhecer o universo, seus fenômenos e o de buscar o sentido da existência. A maneira como os seres humanos buscaram fazer isso foi pela astronomia e pela teologia, alcançando-se dessa forma, um conhecimento cosmológico. Logo, Balbo, em *Nat. D.* 2.58 afirma que “[...] o *mundus* é movido pelas inclinações e impulsos (*hormai*¹¹ em grego) que são movimentos da sua vontade, da mesma forma que o homem é movido pelo espírito e os sentidos, e, é por isso, que o *mundus* é sábio e inteligente e a ele nada falta, sobretudo, que há nele uma beleza eminente que o ornamenta”¹². Dessa maneira, ao homem cabe utilizar os cinco sentidos para fazer bom uso

res omnes complexa teneat perfectione rationis excellere, eoque deum esse mundum omnemque vim mundi natura divina contineri. Atque etiam mundi ille fervor purior perlucidior mobiliorque multo ob easque causas aptior ad sensus commovendos quam hic noster calor, quo haec quae nota nobis sunt retinentur et vigent(...) Audiamus enim Platonem quasi quendam deum philosophorum; cui duo placet esse motus, unum suum alterum externum, esse autem divinius quod ipsum ex se sua sponte moveatur quam quod pulsus agitur alieno. hunc autem motum in solis animis esse ponit, ab isque principium motus esse ductum putat. quapropter quoniam ex mundi ardore motus omnis oritur, is autem ardor non alieno impulsu sed sua sponte movetur, animus sit necesse est; ex quo efficitur animantem esse mundum. Atque ex hoc quoque intellegi poterit in eo inesse intellegentiam, quod certe est mundus melior quam ulla natura. ut enim nulla pars est corporis nostri quae non minoris sit quam nosmet ipsi sumus, sic mundum universum pluris esse necesse est quam partem aliquam universi. quod si ita est, sapiens sit mundus necesse est. nam ni ita esset, hominem qui esset mundi pars, quoniam rationis esset particeps, pluris esse quam mundum omnem oporteret”.

⁹“Neque enim est quicquam aliud praeter mundum quod nihil absit quodque undique aptum atque perfectum expletumque sit omnibus suis numeris et partibus. Scite enim Chrysippus, ut clipei causa involucrum vaginam autem gladii, sic praeter mundum cetera omnia aliorum causa esse generata, ut eas fruges atque fructus quos terra gignit animantium causa, animantes autem hominum, ut eum vehendi causa arandi bovem venandi et custodiendi canem; ipse autem homo ortus est ad mundum contemplandum et imitandum; nullo modo perfectus sed est quaedam particula perfecti”.

¹⁰ Original em latim acima, na nota nº 8 de rodapé. Seguiremos utilizando a tradução de Clara Auvray-Assayas (2022).

¹¹ *Hormai* em grego significa impulso ou sopro pela vontade divina. Termo utilizado em filosofia grega que possui acepção estoica como o primeiro impulso do mundo, relacionada à alma do mundo. Também está intrinsecamente ligado à razão ou racionalidade. O *mundus* é racional para os estoicos (PETERS, 1967, p.87-88).

¹² “*ipsius vero mundi, qui omnia complexu suo coerces et continet, natura non artificiosa solum sed plane artifex ab eodem Zenone dicitur, consultrix et provida utilitatum oportunitatumque omnium. atque ut ceterae naturae suis seminibus quaeque gignuntur augescunt continentur, sic natura mundi omnis motus habet voluntarios, conatusque et adpetitiones, quas ὀρμὰς Graeci vocant, et is consentaneas actiones sic adhibet ut nosmet ipsi qui animis movemur et sensibus. Talis igitur mens mundi cum sit ob eamque causam vel prudentia vel providentia appellari recte possit (Graece enim πρῶνοια dicitur), haec potissimum providet et in is maxime est occupata, primum ut mundus quam*



da sua jornada terrena, pois somente dessa forma conseguirá alcançar o significado de sua vida. Assim, cabe-nos indagar: como os seres humanos utilizavam-se da audição e da visão para compreender o *mundus*?

Ao observar o céu, pessoas nomearam as estrelas, os planetas e as constelações, dando formas imaginárias às estrelas, os asterismos. Assim, os seres humanos deram nomes aos seus deuses pela característica ou atributo que portavam. Dessa maneira, os poetas construíram poesias e fábulas que foram passando dos seus antepassados aos romanos do presente. Muitos aceitavam seus deuses como seus ancestrais dispuseram na religião tradicional, mas a maior parte dos romanos não era ignorante e questionava suas naturezas. Os estoicos viam a associação que os antigos realizaram entre o cosmos e a religião. Por meio da etimologia dos deuses, pelo ato de nomear, muitos deuses romanos foram constituídos e seus cultos arraigados pelo tempo. Em *Nat. D.* 2.66-70, Balbo explica a terminologia utilizada pelos ancestrais romanos:

O ar, sustentam os estoicos, que é situado entre o mar e o céu, é divinizado sob o nome de Juno, irmã de Júpiter, porque o ar se assemelha ao éter e a ele é intimamente unido. Nós o fizemos do sexo feminino e atribuído a Juno porque não há nada que lhe ofereça meios de resistência. Mas creio que o nome de Juno veio de *juvare*¹³. Restam a água e a terra, para se ater aos três reinos distinguidos pelas fábulas. [...]; a lua tira seu nome de luzir – *lucere*. [...]; as lunações, que representam os espaços do tempo medidos (*mensa*), são chamados de meses (*menses*). [...] Esse abuso produziu opiniões falsas, erros perturbadores e superstições que não são mais que contos de velhas mulheres¹⁴.

Consoante ao exposto, os deuses nos quais os estoicos acreditavam, e que tanto quanto os romanos questionavam, existiam. Eles governavam o *mundus* que possuía uma mente divina, um impulso que trazia ordem e regularidade aos movimentos celestes e às estações do ano. O *mundus* tinha sabedoria e era necessariamente governado pela providência divina; ou seja, o tempo e o destino dos homens eram ditados pelos deuses. Não há obras do acaso, como defendiam os epicuristas. Os deuses também eram os astros

aptissimus sit ad permanendum, deinde ut nulla re egeat, maxume autem ut in eo eximia pulchritudo sit atque omnis ornatus”.

¹³ Verbo *iuvere*, no latim, significa socorrer. Mesma origem do nome Júpiter, que socorreu aos irmãos quando o céu, chamado de *Caelum* em latim ou *Cronos*, em grego, os engoliu.

¹⁴ “*Aer autem, ut Stoici disputant, interiectus inter mare et caelum lunonis nomine consecratur, quae est soror et coniux Iovis, quod ei et similitudo est aetheris et cum eo summa coniunctio. effeminarunt autem eum lunonique tribuerunt, quod nihil est eo mollius. sed lunonem a iuvando credo nominatam. Aqua restabat et terra, ut essent ex fabulis tria regna divisa.(...) luna a lucendo nominata sit;(...)adhibetur autem ad partus, quod i maturescunt aut septem non numquam aut ut plerumque novem lunae cursibus, qui quia mensa spatia conficiunt menses nominantur;(...)Quae res genuit falsas opiniones erroresque turbulentos et superstitiones paene aniles”.*



celestes do universo (*mundus*), como Balbo esclarece em *Nat. D.* 2.80 e, posteriormente, em *Nat. D.* 2.84-85:

[...] Enfim, porque nós tivemos suficientemente comprovado que são os deuses aqueles de que nós vemos o emblema do poder e o aspecto luminoso (eu vou dizer o sol, a lua, os planetas, as estrelas fixas, o céu, o mundo ele mesmo e a totalidade das coisas que o mundo contém para a utilidade e a grande vantagem do gênero humano), isso resulta que tudo é regulado por uma inteligência e uma sabedoria divinas¹⁵.

[...] É também que a união das partes do mundo que é mantida graças aos movimentos em direção ao alto, abaixo, de uma parte e de outra dos elementos das quais todas as coisas são feitas. E essa união é necessária ou eterna, no mesmo harmonioso equilíbrio onde nós a vemos, ou pelo menos de duração muito longa, subsistente por um tempo muito longo e quase desmedido¹⁶.

Nesse sentido, para defender que os deuses também eram astros celestes, Balbo se utiliza, inclusive, dos *Aratea Carmina*¹⁷. Ao recitar os poemas sobre as constelações, ele se apropria do movimento das estrelas pelas estações do ano e dos movimentos planetários para asseverar a regularidade dos astros celestes como prova de uma inteligência divina, e a necessidade que os seres humanos possuem de contemplar o mundo com os olhos como meio de comprovar a imutabilidade da natureza e de seus fenômenos (LEHOUX, 2012, p. 184; GEE, 2013, p. 65). Por diversas vezes, refere-se à astronomia para defender a harmonia do mundo, que assegura a conservação no cosmos e a continuidade da vida nele. Sendo desse jeito, todos os astros celestes têm papel primordial na manutenção do cosmos e na produção dos fenômenos da natureza (GEE, 2013, p.72). Em *Nat. D.* 2.119, Balbo elucida que:

¹⁵“*nihil autem nec maius nec melius mundo; necesse est ergo eum deorum consilio et providentia administrari. Postremo cum satis docuerimus hos esse deos, quorum insignem vim et inlustrem faciem videremus, solem dico et lunam et vagas stellas et inerrantes et caelum et mundum ipsum et earum rerum vim quae inessent in omni mundo cum magno usu et commoditate generis humani, efficitur omnia regi divina mente atque prudentia. Ac de prima quidem parte satis dictum est*”.

¹⁶“*quaeque in medium locum mundi, qui est infimus, et quae a medio in superum quaeque conversione rutunda circum medium feruntur, ea continentem mundi efficiunt unamque naturam. Et cum quattuor genera sint corporum, vicissitudine eorum mundi continuata natura est[...]. Quae aut sempiterna sit necessest hoc eodem ornatu quem videmus, aut certe perdiuturna, permanens ad longinquum et immensum paene tempus. quorum utrumvis ut sit, sequitur natura mundum administrari*”.

¹⁷ Os *Aratea Carmina* são poemas de Arato, poeta grego, que foi traduzido por Marco Túlio Cícero. O poema de Arato de Soli era também chamado de *Aratea*, foi encomendado por um rei macedônico, e se constituiu num poema de contexto astronômico e cosmológico por ter sido baseado num tratado de astronomia de Eudoxo de Cnido. Os *Aratea* foi utilizado como conteúdo tradicional na educação de todo romano para a compreensão e estudo da astronomia. Cícero desejava traduzir o texto para o latim e teve de realizar adaptações para que não perdesse o sentido. Tais adaptações renderam-lhe movimento às constelações, uma vez que esses aspectos não existiam nos *Aratea* originais. Logo, o que trouxe uma especialidade magistral ao poema.



Eu não irei mais me ater sobre a astronomia, nem sobretudo sobre as estrelas ditas errantes; sua harmonia é tal, malgrados seus movimentos muitos diferentes, que quando a estrela mais alta, aquela de Saturno, produz o frio, a estrela intermediária, a de Marte, é quente, a de Júpiter, situada entre as duas, dá uma luz e um calor temperado, enquanto que as duas estrelas abaixo de Marte obedecem ao sol, que o sol ele mesmo preenche com sua luz o mundo inteiro e que a lua, clareada por ele, traz as gravidezes, os partos e os nascimentos a termo. Se qualquer um não se comove por essa ligação das coisas, por essa combinação harmoniosa da natureza com vista da conservação do mundo, é porque jamais refletiu sobre essas questões, eu estou certo disso¹⁸.

E o que o ser humano recebe em contrapartida ao contemplar o céu e ver os astros, a não ser ver a beleza do mundo? Balbo, o estoico, esclarece no livro 2.140 do *De natura deorum*, que os deuses deram ao homem sentidos para que pudesse conhecê-los. Não se trata somente de conhecer o sentido de sua existência, mas também, o de criar laços com a divindade e comungar com o que é eterno e sagrado. Desse modo, em *Nat. D.* 2.140-141 e 2.145-146, Balbo discorre:

[...] De início a divindade os fez ficar sobre o chão, de tamanho alto e direito, por lhe permitir, em observando o céu, de adquirir o conhecimento dos deuses. Sobre a terra, os homens não são os indígenas ou os habitantes, mas por assim dizer os espectadores das realidades superiores do céu, cujo espetáculo não toca nenhuma espécie de seres vivos. Os sentidos, intérpretes e mensageiros das coisas, situados na cabeça como uma cidadela, são admiravelmente adaptados, uma vez por sua estrutura e por sua posição, às suas funções indispensáveis: os olhos, como mirantes, ocupa o lugar mais elevado, de onde podem exercer suas funções, inspecionando uma área muito grande. Os ouvidos também, que devem perceber o som, que naturalmente se volta para cima, são localizados como convém na parte superior do corpo [...].¹⁹

[...] Em primeiro lugar, com efeito, nossos olhos nas artes que são de sua responsabilidade, a pintura, a escultura e o cinzelamento, e também nos movimentos e atitudes dos corpos, discernem em muito das coisas com

¹⁸“*Nolo in stellarum ratione multus vobis videri, maximeque earum quae errare dicuntur; quarum tantus est concentus ex dissimillimis motibus, ut, cum summa Saturni refrigeret, media Martis incendat, is interiecta Iovis inlustret et temperet, infraque Martem duae soli oboediant, ipse sol mundum omnem sua luce compleat, ab eoque luna inluminata graviditates et partus adferat maturitatesque gignendi. Quae copulatio rerum et quasi consentiens ad mundi incolumitatem coagmentatio naturae quem non movet, hunc horum nihil umquam reputavisse certo scio*”.

¹⁹“(...)Qui primum eos humo excitatos celsos et erectos constituit, ut deorum cognitionem caelum intuentes capere possent. sunt enim ex terra homines non ut incolae atque habitatores sed quasi spectatores rerum atque caelestium, quarum spectaculum ad nullum aliud genus animantium pertinet. Sensus autem interpretes ac nuntii rerum in capite tamquam in arce mirifice ad usus necessarios et facti et conlocati sunt. nam oculi tamquam speculatores altissimum locum optinent, ex quo plurima conspicientes fungantur suo munere; et aures, cum sonum percipere debeant qui natura in sublime fertur, recte in altis corporum partibus collocatae sunt; itemque nares et, quod omnis odor ad supera fertur, recte sursum sunt et, quod cibi et potionis iudicium magnum earum est, non sine causa vicinitatem oris secutae sunt. iam gustatus, qui sentire eorum quibus vescimur genera deberet, habitat in ea parte oris qua esculentis et posculentis iter natura patefecit. tactus autem toto corpore aequabiliter fusus est, ut omnes ictus omnesque nimios et frigoris et caloris adpulsus sentire possimus (...)”.



mais sutildade; eles apreciam tanto a beleza das cores e das formas que sua ordenança e, por assim dizer, sua harmonia; eles distinguem mesmo das outras coisas mais importantes, porque eles reconhecem as virtudes e os vícios, o homem irritado ou benevolente, feliz ou triste, corajoso ou covarde, audacioso ou medroso. O discernimento dos ouvidos é também qualquer coisa de surpreendente por sua arte: nos cantos dos pássaros, nos sons das flautas e das cordas, eles julgam a diversidade dos sons, os seus intervalos, o seu timbre, e também dos mais numerosos tipos de vozes: claras e surdas, doces e rudes, graves e agudas, flexíveis e duras, distinções que somente os ouvidos humanos podem julgar [...]”²⁰.

E por que somente o ser humano com seus cinco sentidos, e não outros animais, puderam ser superiores ao ponto de conhecer os deuses pela contemplação? Balbo responde aos pares epicurista e neocadêmico que a razão humana é a única capaz de penetrar o céu e conhecê-lo. Igualmente, em *Nat. D.* 2.153, Balbo expõe:

Mais o quê? A razão humana não penetrou nem mesmo no céu? Sozinhos entre os seres animados, nós conhecemos o nascer do sol, o pôr-do-sol e o curso dos astros; é o gênero humano que mediu o dia, o mês, o ano; ele conhece os eclipses do sol e da lua e prevê para todos as suas ocorrências, sua importância e suas datas. Para essa contemplação, o espírito adquire o conhecimento dos deuses, de onde é emitida a piedade e àquela são unidas à justiça e outras virtudes, de onde provém a vida feliz, equânime e semelhante àquela dos deuses; ela não é de forma alguma inferior aos seres celestes, a não ser a imortalidade, o que não tem importância alguma para a felicidade da vida. (...)”²¹.

Por fim, percebemos que a contemplação do *mundus* é a melhor maneira de se encontrar a felicidade da vida, objetivo de todos os seres humanos enquanto vivem. Não há contemplação sem o uso dos sentidos, em especial, a visão e a audição. Para Balbo, era impossível conhecer o mundo e ter piedade (*pietas*) para com os deuses sem usar dos sentidos e por meio desses, dados pelos deuses aos homens, eram a via necessária para o conhecimento desses e de sua criação. A natureza como parte integrante da criação divina não escaparia à observação humana, e estava lá para sua ciência e sua experiência. De certa maneira, não conseguimos nomear e imaginar aquilo que desconhecemos. Isto posto,

²⁰ “Primum enim oculi in his artibus, quarum iudicium est oculorum, in pictis fictis caelatisque formis, in corporum etiam motione atque gestu multa cernunt subtilius, colorum etiam et figurarum formam venustatem atque ordinem et ut ita dicam decentiam oculi iudicant, atque etiam alia maiora: nam et virtutes et vitia cognoscunt, iratum propitium, laetantem dolentem, fortem ignavum, audacem timidumque cognoscunt. Auriumque item est admirabile quoddam artificiosumque iudicium, quo iudicatur et in vocis et in tiliarum nervorumque cantibus varietas sonorum intervalla distinctio, et vocis genera permulta, canorum fuscum, leve asperum, grave acutum, flexibile durum, quae hominum solum auribus iudicantur[...]”.

²¹ “Quid vero hominum ratio non in caelum usque penetravit? soli enim ex animantibus nos astrorum ortus obitus cursusque cognovimus, ab hominum genere finitus est dies mensis annus, defectiones soliset lunae cognitae praedictaeque in omne posterum tempus, quae quantae quando futurae sint. Quae contuens animus accedit ad cognitionem deorum, e qua oritur pietas, cui coniuncta iustitia est reliquaeque virtutes, e quibus vita beata existit par et similis deorum, nulla alia re nisi immortalitate, quae nihil ad bene vivendum pertinet, cedens caelestibus [...]”.



contemplar o cosmos era o caminho que os astrônomos, os filósofos e os homens que almejavam a uma vida justa, virtuosa e feliz se utilizavam para encontrar sentido em tudo o que vivenciavam.

A CONTEMPLAÇÃO PARA QUÊ E PARA QUEM?

O ser humano vem ao longo de sua existência buscando o seu sentido de vida, a felicidade, a harmonia e como alcançá-los. Katharina Volk (2021, p.296-312) aquiesce que Marco Túlio Cícero afirmou em diversos debates filosóficos que os romanos, qualquer que esse fosse, um homem da plebe ou um magistrado, tinham como objetivo de vida viver virtuosamente. As virtudes eram a única via que permitia que os seres humanos encontrassem a felicidade e o sentido da vida. Ao atingi-las, os seres humanos vivenciavam a relação em direção aos deuses, chamada de *pietas* (piedade), que era uma relação de mão-dupla: os deuses também respondiam e se preocupavam com os seres humanos tanto quanto estes lhes rendiam o culto primoroso e devotado. Portanto, se o objetivo de vida de um ser humano era tornar-se virtuoso e feliz, a contemplação era o caminho.

Katharina Volk (2021, p.310-312) aduz que o desenvolvimento das virtudes levava a uma conduta moral correta que era imprescindível no desempenhar das funções dos magistrados e sacerdotes na vida cotidiana na República. Essas virtudes, no entanto, somente seriam percebidas pelo uso correto da razão humana. Da mesma maneira que o *mundus* era ordenado de modo racional, também o homem deveria se aperfeiçoar em comparação ao *mundus*. O rumo se dava por intermédio da contemplação e a finalidade era a de encontrar a razão, a sabedoria e as virtudes. Cabia a cada ser humano alcançar as virtudes, sob sua responsabilidade individual. Essa responsabilidade era dada pela razão, que possibilitava ao ser humano se aproximar dos deuses.

Volk defende (2021, p. 312) que, ao almejar uma vida plena, justa e feliz, o romano tinha o encargo de cultivar as virtudes e ser reconhecido por elas. Um ser humano de virtudes bem cultivadas era um exemplo de bom cidadão, era aquele que cumpria seu dever para com sua *civitas* e para com seus deuses. Dessa maneira, é sobretudo no próprio arbítrio individual e no próprio bom julgamento que os romanos dirigiam suas condutas na República. Em vista disso, esse é o propósito de se conhecer o *mundus* pela contemplação; uma vez que ao conhecê-lo, o ser humano conhece a si mesmo como parte desse todo e nele deve se espelhar para ser perfeito ou o mais próximo disso possível.

É dessa forma que o ser humano encontra a observância de seu lugar no mundo, compreendendo que, assim como o cosmos, ele também deveria ser um reflexo de toda a sua harmonia. Por consequência, o papel da religião romana seria guiar os homens nesse



caminho e sua importância não diminui nesse contexto. De acordo com Claudia Moatti (2015, p.184-187), para Cícero, à religião cabia guiar os homens ao conhecimento dos deuses, a *orthopraxis*²²; mas principalmente ao afastá-lo das fábulas e superstições. Desse modo, direcionando-o à liberdade de pensamento, sem dogmatismos, medo ou passividade.

De acordo com Moatti (2015, p.184-187), a religião tradicional romana, ainda que conservando o culto, bem como disseminado pelos seus ancestrais, era indispensável à coesão social e à ordem, mantinha a legitimação das leis da cidade mesmo com a utilização das fábulas e suas ficções. No entanto, incumbia a cada cidadão romano discernir o que era apropriado, e para isso, era necessário o estudo, a filosofia e o conhecimento da história e da religião de sua própria cidade. Em outras palavras, era por meio da razão que ele se afastava da ignorância e das superstições. Nesse momento, epicuristas e estoicos tinham visões distintas da mesma religião tradicional, as suas doutrinas avançavam ao longo do século I A.E.C. e, logo, por esse mesmo motivo era preciso preservar a religião, corrigindo suas inconsistências (e.g., o modelo de crença e o relacionamento para com os deuses) e alijando-se das superstições.

Ainda no tocante à religião romana, Daryn Lehoux (2012, p. 21-22) afirma que ela estava interligada à compreensão da natureza pelos romanos. Ele afirma que “havia uma crença disseminada entre eles de que a natureza demonstrava a beneficência e a magnificência dos deuses” (LEHOUX, 2012, p. 21-22). Por essa razão, a teologia e a política estavam a serviço da manutenção da ordem da cidade e, logo, da continuidade e da legitimação da República Romana, ainda mais nesse período, em que Roma passava por uma grave instabilidade política oriunda de sua expansão e pela luta interna de poderes representada no primeiro e segundo triunviratos²³.

²² Segundo John Scheid (1998, p. 126), *orthopraxis* é o mesmo que dizer a prática correta dos ritos de uma religião.

²³ O triunvirato era uma aliança política entre três generais com o assente do Senado romano, com finalidade de assegurar a estabilidade política romana que estivera abalada pela crise política instaurada pela sua expansão a outros territórios além-mar e, dessa forma, garantir a continuidade da *res publica* e a manutenção da sua extensão territorial e do poder de suas instituições políticas. Os três primeiros triúnviros que estiveram no poder, dividindo entre eles as regiões da *res publica*, que eram parte de Roma, realizaram uma aliança informal. Os triúnviros eram Caio Julio César, Cneu Pompeu Magno e Marco Licínio Crasso. Isso posto, os generais resolveram as insatisfações campesinas e sufocaram as revoltas escravas nas províncias romanas conquistadas e mantiveram o *imperium*, o controle político e militar de Roma e dos territórios sob seu domínio. Com o fim do acordo, pela morte da esposa de Pompeu, que era filha de César, e a morte de Crasso, a disputa política se seguiu entre os dois remanescentes. César tornou-se ditador, logo a seguir. Porém, com o medo de que a *res publica* viesse ao seu término, muitos membros do Senado articularam a morte de César. Com o seu falecimento, a disputa pelo poder sobre a *res publica* continuou e a guerra civil tornou-se mais evidente. Os segundos triúnviros, Marco Antônio, Otávio e Emílio Lépido, diferentemente do caso anterior, já realizaram uma aliança política formalizada mediante contrato e com assente do Senado. Da disputa, em síntese, Otávio saiu vitorioso e tornou-se o primeiro imperador de Roma (GRIMAL, 1988, p. 48).



Por conseguinte, a maneira como os romanos da camada superior – *optimates* e a *nobilitas* em geral – compreendiam como seus deuses agiam no mundo para legitimar a *res publica*, construía uma visão da própria ciência naquele momento e, também, construía uma visão de si mesmos como sábios. Desse modo, percebe-se que o viés romano da ciência é, principalmente ético, buscando-se a virtuosidade do bom cidadão.

A respeito da ciência, nesse contexto, a astronomia se desenvolvia com objetivos de não somente responder questões sobre a natureza, os seus fenômenos, o cosmos e a sua organização, mas também, ela buscava compreender além do mundo visível, a base fundamental de toda a matéria e energia não-visível a olho nu, as movimentações e os atos da sua vontade no cosmos. Para o pensamento estoico, peripatético e acadêmico, toda matéria criada pelos deuses no universo tinha seu princípio basilar. Por isso, para os romanos, conhecer a criação era o caminho para conhecer os seus deuses (*pietas*), ato que era exercitado tanto pela contemplação do mundo, como também, por meio da *religio* – da conexão que se tinha com os deuses – e pela *pietas*, pela devoção e dever que se cumpre a eles. Devemos ressaltar que a contemplação do mundo era uma atitude científica, num primeiro momento. Em uma segunda ocasião, a contemplação do mundo torna-se uma ação religiosa em direção aos deuses e, ainda mais, um dever de gratidão e afeição em direção à *res publica* romana (LEHOUX, 2012, p.26-29).

Ademais, o que o homem romano aufere na prática da contemplação do mundo? Distanciando-nos, em princípio, da ideia de dever aos deuses e à *res publica* Romana - a *religio* -, mas trazendo à baila a proximidade da natureza humana, ao observar o céu o ser humano vê, além dos astros, estrelas e seus asterismos, uma ordem cosmológica. E o que seria essa ordem? A noção de eternidade do mundo, das regras que compõem o cosmos, a noção de que as primeiras leis vieram da mente divina e de que o ser humano faz parte dela. Também, o conhecimento de que a justiça preexistia na mente dos deuses e na própria natureza. Desse modo, as leis do universo também direcionavam a mente dos homens, a ponto de constituir na sua jornada terrena um reflexo daquilo que os deuses pretendiam que tivessem: a harmonia e a felicidade (LEHOUX, 2012, p. 32). Destarte, os estoicos acreditavam que a ação dos deuses para com os homens era sempre benevolente nesse sentido.

Assim, a conexão para com os deuses, afirma Lehoux (2012, p. 39), advinha pela contemplação do mundo estudada e cuidadosamente realizada. Daí, emergia a própria *religio*. Era por meio do conhecimento e da compreensão dessa *contemplatio mundi*, de forma racional, que os homens mais sábios recebiam as suas autoridades moral e política elevadas. Da mesma maneira, eles concebiam seus deveres de cidadãos para com a *res publica* romana. Por outro lado, o autor defende que a preservação da religião tradicional é



primordial para a continuidade da ordem cosmológica e, desse jeito, cabe ao cidadão romano angariar meios de conhecê-la e preservá-la. De tal maneira que, em preservando a sua religião pode-se apreender que o panteão romano constituído em Roma encerra em si mesmo profundas raízes de conhecimento sobre o cosmos e seus meios de funcionamento.

E, ademais, se o bom cidadão romano praticar a contemplação do mundo de forma cuidadosa não irá somente alcançar o conhecimento de uma ordem cosmológica, na qual o mundo está inserido; mas além disso, a noção de que as virtudes são o fim último da jornada humana terrena. Um ser humano torna-se sábio pelo bom cultivo delas e é, em vista disso, pela consistência dessas virtudes e da devoção aos deuses, sem falsa performance, que a *res publica* romana se sustenta e a justiça se estabelece. Aliás, na derrocada das virtudes, em especial, a *pietas*, os deuses abandonariam os homens, já que não haveria mais confiança (LEHOUX, 2012, p. 39-41).

Por conseguinte, a ausência das virtudes na *res publica* romana importa na dissolução dessa, pois as virtudes são parte da religião tradicional e como essa é a base de sustentação da *res publica*, seu culto oficial se mantém por meio de duas das virtudes mais importantes: a *religio* e a *pietas*; ou seja, a conexão, a devoção e o culto piedoso aos deuses. E, uma vez sem a manutenção desse *status quo*, a própria noção de romanidade se desfaria, a justiça seria relegada ao esquecimento e a sociedade humana se perderia. Esse é o argumento de Cícero, no prefácio do *De natura deorum*. Ademais, nesse prefácio em *Nat. D.* 1. 3-4, Cícero afirmava que sem as virtudes - em especial a *pietas* em direção aos deuses - desapareceria a observação escrupulosa dos deveres religiosos, a boa-fé, o laço social do gênero humano e a justiça por excelência. Dessa maneira, com esse esvaecimento desencadearia uma grande desordem e uma reviravolta na vida cotidiana²⁴.

Desse modo, a manutenção da sociedade humana é alcançada através do cultivo das virtudes individuais e na prática dos deveres pelos cidadãos. Em razão disso, as virtudes seriam a vereda que aproxima o ser humano da própria divindade, ou daquilo no que mais se assemelha aos deuses. Consequentemente, é mediante a contemplação do mundo que se alcançam as virtudes e somente por elas se constitui a manutenção da harmonia do cosmos e a perpetuação da ordem político-religiosa da República Romana (LEHOUX, 2012, p. 41 e 185).

Toda a harmonia e a beleza do cosmos eram observadas de maneira racional pelos cinco sentidos e, em especial, a visão e a audição; e essas não poderiam ser

²⁴“(…)in specie autem fictae simulationis sicut reliquae virtutes item pietas inesse non potest; cum qua simul sanctitatem et religionem tolli necesse est, quibus sublatis perturbatio vitae sequitur et magna confusio;(…)atque haut scio an pietate adversus deos sublata fides etiam et societas generis humani et una excellentissima virtus iustitia tollatur (...)”.



compreendidas sem a observação científica da natureza (LEHOUX, 2012, p. 45-46). É nesse sentido que as virtudes se encontram na natureza do mundo e do homem e, por isso, são nelas que estão também construídas as fundações da própria República romana.

Com base nesse aspecto, o de que as virtudes conduzem a uma conduta ética na constituição do homem romano e são a sustentação da ideia de romanidade, a contemplação do mundo é em grande parte uma via útil, ainda que dentro do ponto de vista científico do qual todos compartilhavam; o de que para haver o conhecimento da natureza, esse último deveria estar relacionado ao dever ético humano (LEHOUX, 2012, p.178-179).

Dessa maneira, Daryn Lehoux (2012, p. 178), afirma que para estudar a natureza e conhecer o cosmos, os romanos utilizavam-se de métodos que podem nos parecer ecléticos, uma vez que percebiam que através do conhecimento tipicamente científico tal qual os utilizados pelos cientistas nos dias atuais, e.g., a redução dos fenômenos a explicações matemáticas, não conseguiriam abranger todas as respostas que gostariam de conseguir. Assim, ao utilizarem desses procedimentos os quais convergiam muitos saberes, eles explicavam outras partes da natureza ao explicar o cosmos. Foi, desse modo, que os romanos se interessaram particularmente pela ideia de simetria²⁵ no universo.

Essa simetria, também chamada de equidistância ou de reflexo, era algo físico, ético, teológico e psicológico em diferentes dimensões. É importante frisar que a contemplação do mundo é uma dessas metodologias confluentes em conhecimentos diversos. Por isso, constatamos aqui a importância da utilização desse método para descortinar outros saberes que poderiam ser alcançados e não somente a simetria, como acima ilustrado (LEHOUX, 2012, p. 179).

Devemos fazer uma ressalva aqui, a de considerar que os romanos se utilizaram desse método sem, no entanto, preocuparem-se em sistematizá-lo como os cientistas atuais o fariam. Dessa forma, os romanos se apropriaram de metodologias distintas e de linguagens variadas para compreender o cosmos e sua organização, dentre elas: a filosofia, a poesia, a matemática, os experimentos físicos, a teologia, entre outros (LEHOUX, 2012, p. 179-181).

Conforme o exposto, a contemplação do mundo é um meio investigativo do cosmos, uma atitude perscrutável que mantém a religião romana, sedimenta a política da República, auferir a possibilidade de se alcançar as virtudes e orienta o dever romano para com seus deuses e sua cidade. Portanto, ela assegura a estabilidade da ordem cósmica. Dessa forma,

²⁵ A ideia de simetria é muito complexa e ela possui diversos aspectos que a definem. Dentre esses aspectos temos: os psicológicos, os teológicos, os filosóficos e os físicos. A simetria aparece no *De natura deorum* também como harmonia, concerto ou estabilidade do universo. Para saber mais, ver nota de rodapé nº 5.



Lehoux (2012, p. 187-192) afirma que os deuses gostam de cidadãos motivados no bem comum de sua cidade e, logo, o bem político é acima de tudo o bem cósmico. E na defesa dessa ordem cívica e cósmica, o ser humano deveria operar no sentido de buscar a harmonia diante do caos, a simetria²⁶ entre o cosmos e a República Romana, e ainda mais, o inter-relacionamento entre a estabilidade do céu e da terra (GEE, 2013, p. 62).

À GUIA DE CONCLUSÃO

Como pudemos verificar, a contemplação do mundo é uma atitude de perscrutação utilizada pelas elites romanas para assegurar a estabilidade da República, e como método de investigação, busca não somente enlaçar o dever ético de cidadão que mantém os fundamentos materiais da sua continuidade, mas sobretudo, a harmonia e a felicidade do ser humano e a regularidade de uma ordem cósmica atestada na religião da *res publica*. Nos diálogos de Cícero, em especial no *De natura deorum*, verificamos que os magistrados em suas instituições, o Senado e os cônsules buscavam administrar seu mundo como os deuses governavam o universo, de modo justo, equânime e harmônico. Dessa maneira, encontrariam a felicidade da vida na *civitas* bem como o cosmos também possui felicidade com suas revoluções e movimentos estelares (WOOLF, 2015, p. 35).

A contemplação do mundo é acima de tudo uma via de autoconhecimento para o homem, de sua cidade, de sua religião, de seus deuses e da sua jornada existencial. Olhar para o céu era uma vereda, não somente para admirar seus ornamentos, sua beleza; mas para encontrar o sentido da vida em meio às conturbações da própria existência. Era, talvez, o maior presente dos deuses que o ser humano poderia receber: o de conhecer que como criatura era parte de todo o cosmos também. Isso era o que Balbo defendia, a ideia de que a mente divina operava o cosmos, trazia simetria²⁷, regularidade e estabilidade. E do modo como a mente divina o fazia lá, a sua criação mais racional - o próprio ser humano - deveria, inclusive, buscar o mesmo na terra.

A contemplação do mundo era, até mesmo, um método de inquirição e busca minuciosa de conhecimentos diversificados. Utilizada pelos cientistas na antiguidade, como pelos religiosos e filósofos, abrangia seus amplos usos na própria formação da elite romana

²⁶ A ideia de simetria é uma ideia filosófica trazida nos diálogos por Marco Túlio Cícero. Esta ideia presente nos argumentos de Lucilio Balbo, o estoico, nos diálogos de Cícero se refere à noção de que os deuses, as estrelas, o tempo, a política e a humanidade estão todos inter-relacionados e agindo uns sobre os outros. Assim como o cosmos possui estabilidade e regularidade, também a terra também as possui. E logo, como a República Romana é sustentada pela religião tradicional que tem como fundamento essa mesma ideia de simetria e ordem cósmica, teria, inclusive, a mesma regularidade e estabilidade. Quando essas deixarem de existir, o modelo de crença religioso estaria em xeque, como também, a própria República deixaria de existir.

²⁷ Para mais sobre a simetria, ver notas de rodapé nº 5, nº 25 e 26.



e era discutida em meios de produção literária, como em meio político e científico. O século I A.E.C. foi o período de maior florescimento intelectual e literário de Roma, quiçá porque esse foi contemporâneo a um momento de grandes mudanças políticas nas instituições romanas, como também ocorreu na República tardia. Desse modo, a contemplação do mundo era em muito debatida nesse momento por escolas filosóficas gregas, como o estoicismo e o epicurismo, da mesma forma que pelos neoacadêmicos (TAUB, 2008, p. 6).

Isso posto, a observação do céu pela audição e pela visão deveria ser realizada de maneira racional, a fim de se alcançar respostas para suplantarem as fábulas e as superstições e explicar os fenômenos da natureza. Ao constatar os fenômenos naturais e tomar nota desses, o ser humano, cientista ou não, buscaria o gênero no qual se identificaria mais com a finalidade de passar as informações retidas e estudadas cautelosamente (TAUB, 2008, p. 8-9). Como anteriormente defendido, na antiguidade não era muito comum uma separação rígida entre os gêneros literários e, assim, os autores romanos se utilizavam de maneiras mais viáveis e sedutoras para levar o conhecimento a circular e cativar o leitor (TAUB, 2008, p. 8-21).

Em suma, com o intuito de se conhecer a natureza e o universo e buscar o seu lugar no mundo e os sentidos da existência humana, o ser humano, propondo-se a conhecer pela *contemplatio mundi*, assegura para si uma via necessária para se aproximar dos deuses, de sua felicidade e de sua perfeição. A contemplação era um exercício de perscrutação para o decorrer da vida, no serviço à cidadania, na prática do dever dirigido aos deuses e à *res publica* romana. Não havia caminho melhor a seguir, segundo Lucílio Balbo, o estoico, para se aproximar dessa harmonia. A harmonia que se ausentava no drástico momento político em que se encontravam as instituições romanas na crise da República, e logo, para tal, era preciso buscar aos deuses e garantir neles o bem-estar de Roma (WOOLF, 2015, p. 54).

FONTES

CICÉRON. **La nature des dieux**. Traduit et commenté pour Clara Auvray-Assayas. Paris: Les Belles Lettres, 2022.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALFÖLDY, Géza. **A História Social de Roma**. Lisboa: Editorial Presença, 1989, p.69.

AUVRAY-ASSAYAS, Clara. **Cícero**. São Paulo: Estação Liberdade, 2018.

GEE, Emma. Wandering Stars. In: GEE, E. **Aratus and the Astronomical Tradition. Classical Culture and Society**. Oxford: Oxford University Press, 2013, p. 57-80.



GRIMAL, Pierre. **A Civilização Romana**. Lisboa: Edições 70, 1988, p. 48.

LEHOUX, Daryn. Dreams of a final theory. In: LEHOUX, Daryn. **What Did the Roman's Know? An inquiry into Science and Worldmaking**. Chicago: The University of Chicago Press, 2012, p. 176-199.

LEHOUX, Daryn. Nature, Gods and Governance. In: _____. **What Did the Roman's Know? An inquiry into Science and Worldmaking**. Chicago: The University of Chicago Press, 2012, p. 21-46.

MACRAE, Duncan. Letters of the Republic. In: MACRAE, Duncan. **Legible Religion: Books, Gods and Rituals in Roman Culture**. Cambridge, Mass. & London, England: Harvard University Press, 2016, p. 53-75.

MOATTI, Claudia. The experience of thought. In: MOATTI, Claudia. **The Birth of Critical Thinking in Republican Rome**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015. p. 164-266.

PETERS, Francis E. **Greek Philosophical Terms: a History of Lexicon**. New York: New York University Press, 1967. p. 87-88.

SCHEID, John. **La Religion des Romains**. Paris: Armand Colin, 1998. p. 126.

SCHOFIELD, Malcolm. Writing Philosophy. In: Steel, Catherine (ed.). **The Cambridge Companion to Cicero**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013, p. 73-87.

STEEL, Catherine. **Reading Cicero: genre and performance in Late Republican Rome**. London: Duckworth, 2005. p. 21-48.

TAUB, Liba. Genres of scientific communication. In: TAUB, L. **Aetna and the moon. Explaining Nature in Ancient Greece and Rome**. Corvallis-Oregon: Oregon State University, 2008. p.1-30.

VOLK, Katharina. Res publica of letters. In: VOLK, K. **The Roman Republic of Letters. Scholarship, Philosophy, and Politics in the Age of Cicero and Caesar**. Princeton: Princeton University Press, 2021. p. 22-54.

WOOLF, Raphael. **The Philosophy of Roman Sceptic**. New York-London, Routledge: 2015.